

onde o utilitarismo corrompe a socialidade. Nesse sentido, o estudo antropológico de sociedades diversas pode indicar-nos a viabilidade de outras formas de viver e pensar. Não que devamos imitar os montanhese dos Alpes suíços ou os ganawuri da Nigéria. É bem o contrário. Não há possibilidade de autogestão sem respeito à diversidade e, portanto, à singularidade.

O antropólogo Gérald Berthoud em seu livro *Pladoyer pour l'autre* trata de uma forma nem sempre simples, mas sempre muito interessante, desse tipo de questão, que em última análise se insere na problemática da dominação e da resistência no mundo moderno. □

*Fernando Cláudio Prestes Motta\**

\*Professor titular no Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos (ADM) da EAESP/FGV.

Bernoux, Philippe. *Un travail a soi*. Toulouse, Privat, 1982. 252 p.

*"Je peux me contenter d'une assiette de soupe par jour. Mais je veux avoir le droit de prendre des décisions sur les problèmes de l'entreprise."*

(Lech Valesa, 27 août 1980)

O livro de Bernoux trata da reivindicação de apropriação entre os operários não qualificados. Entretanto, salienta que essa ambição torna-se, atualmente, universal, atingindo outras categorias da população. Na verdade, a apropriação é uma reação operária antiga. Os operários procuram, atualmente, na França, mais poder sobre o ambiente próximo, do que menos fadiga ou mais segurança.

Não é surpreendente observar a apropriação no universo operário: na fábrica a dominação dos sistemas industriais se faz sentir muito fortemente.

De qualquer modo, não é exclusivamente na fábrica que a dominação exerce seus constrangimentos. Esses também são sentidos em outros campos. Na França, a reação a essa dominação se faz presente nas lutas dos movimentos regionais, nos movimentos feminista, ecológico e muitos outros. Mas, afinal, o que pretendem esses movimentos? Essencialmente, pretendem o direito de dar sua palavra na condução de assuntos que lhes dizem respeito, de obter o reconhecimento de que um determinado domínio — o poder central — não pode mais legislar sozinho. O que torna o movimento ecológico forte, por exemplo, não é apenas a defesa da natureza e dos espaços verdes, mas a luta pelo reconhecimento do direito de expressão, ou mesmo de negociação, das populações a que tais questões se referem.

Na verdade, o termo apropriação tornou-se muito usado na França, o que segundo Bernoux é compreensível, já que um dos traços característicos das sociedades altamente burocratizadas é a exclusão do poder, levando à dependência. A apropriação é uma estratégia de conquista de um poder sobre o seu ambiente pelo grupo. Ela permite a esse grupo se defi-

nir pela luta contra a dominação. A apropriação postula, pois, a luta e o reconhecimento de um grupo. A autogestão está no estágio último da administração, mas se apóia na prática da apropriação. Ela, na verdade, é legítima. Na medida em que a autogestão implica a apropriação coletiva dos meios de poder por toda a sociedade, inclui a apropriação como caminho. Todavia, autogestão significa exercício concreto do poder; já a apropriação se manifesta no estágio de luta. □

*Fernando Cláudio Prestes Motta*